

EFEMÉRIDES DA ESTÉTICA DE UMA ESPIRAL DE COPOS

Na calada de uma noite de outono em 2010...

Na semana anterior àquela noite, sentia o cansaço de tentar explicar o que pensava. Mesmo com todas as palavras, parecia impossível dizer o que estava imaginando. Devia tentar algo diferente, como a criação de uma grande metáfora, que teria de ser explícita o bastante para que pudesse afetar todos os interlocutores.

Queria sensibilizar meus colegas de um seminário de tese através da arte, por um olhar estético, que trouxesse impressões sentimentais e imprevistas capazes de gerar novas reflexões, transcendendo a racionalidade¹ implícita dentro das sistematizações das produções acadêmicas que estávamos debatendo.

Não intuí ideia melhor do que interferir na rotina de meus colegas e professores, criando um obstáculo a ocorrências óbvias do cotidiano.

A sequência de imagens nas cinco páginas anteriores é o registro fotográfico do processo estético que provocou algo bem mais amplo que um julgamento superficial da beleza². O processo nasceu da vontade de descobrir sobre a viabilidade da estética para comunicar e, também, de saber como seria um dispositivo à produção de saberes, tanto subjetivos quanto objetivos, pela via da sensibilidade³.

Posso dizer que foi um ato clandestino, como somente a arte pode ser, forjado na calada da noite com mil copos de plástico branco e, sobre eles, uma teia feita com seis novelos de lã vermelha. Um ato inventado com a ajuda de meus amigos Carlo e Lisiane e minha filha Helena, realizado em um tempo subjetivo, de êxtase pelo fazer e pela expectativa do que poderia provocar.

Na manhã seguinte, o clima estava indeciso, colaborando com a atmosfera da experiência que estava para ocorrer, e meus colegas aguardavam o professor, no corredor, em frente à sala de aula. Quando a obra estética foi descoberta, muitos sentimentos

Figura 58: A sequência de imagens das 5 páginas anteriores são o registro fotográfico da instalação artística "A Espiral".

1. Não podemos oferecer-nos, de início, uma dialética, qualquer que seja, porque uma dialética postula a racionalidade do mundo e da história, e esta racionalidade é problema, tanto teórico quanto prático (CASTORIADIS, 1982, p. 49).

2. A busca de transcendência de um belo ideal e a existência de um juízo de gosto universal que permitisse comunicar nossos sentimentos são exigências kantianas que não se cumprem no século XX (HERMANN, 2005, p. 29).

3. A estética atua pelo estranhamento que provoca diante da normalização da moral, pois pode colocar em questionamento leituras restritivas que carecem de revisão histórica, como nossas interpretações de dignidade humana. Desse modo, atua numa dupla dimensão: em primeiro lugar, contribui para desenvolver a sensibilidade para as diferenças de percepção ou de gosto, auxiliando na contextualização de princípios éticos com uma força que o cognitivo não consegue produzir; e, em segundo lugar, cria condições para o reconhecimento do outro, evitando os riscos da uniformização diante do universalismo (HERMANN, 2005, p. 72).

4. Tempo e criação significa também tempo e destruição. O pensamento tradicional sempre negou a criação, mas era obrigado, simetricamente, a afirmar a impossibilidade da destruição (nada se cria, nada se perde, tudo se transforma). Mas, por outro lado, esquizofrenia: a destruição era apresentada como evidente (CASTORIADIS, 2007, p. 23).

5. Fragmento de um depoimento de um colega sobre a experiência "A Espiral":

Lentes da inflexão: Para cada um que se embrenhou no espaço da sala de aula tomada pela intervenção artística "Espiral do Conhecimento" a vivência se passou de uma forma. Contudo, fazer tal afirmativa não reduz os pontos de vista a mero subjetivismo. Pensar que para cada um ocorreu de um modo diverso, simplesmente porque cada um de nós é uma pessoa diferente, seria considerar, ao modo de um paradigma de que aqui procuramos nos distanciar, que há sujeitos plenamente formados, estáveis, conscientes e racionais, que executavam certa ação. Desse modo, para cada um foi uma experiência diferente simplesmente porque cada um também estava se flexionando, se dobrando sobre si mesmo diferentemente e via o que podia ver no momento, pensava o que podia pensar e formulava as acepções que eram possíveis. Ao pesquisarmos algo também estamos inventando aquilo que pesquisamos e mais, inventando também a própria forma de pesquisar (MOSSI, 2013, p. 85).

Nota do autor 36: A experiencição viabiliza ou efetiva a estética como linguagem e como dispositivo à produção de saberes, tanto subjetivos quanto objetivos. Esta experiência estética, que chamei "A Espiral", foi provocadora de um debate sobre relatividade dos limites da pesquisa, comprovando o potencial da estética como via de produção de saber.

foram declarados, e um bom tempo se passou entre a contemplação, a inquietação, a perplexidade e a decisão de entrar na sala para intervir na obra. Tomados momentaneamente por sentimentos ilógicos, os colegas habitaram o espaço para produzir a estética no destruir⁴, para romper os limites que estabeleciam a norma inexistente e a subversão da geometria da razão em um encantamento pela desordem.

O caos estabeleceu algo diferente, uma estética do acaso e dos arranjos espontâneos e, a partir desse movimento, foi possível transitar pelos paradoxos da criação e olhar para outras dimensões da expressão de saberes e sentimentos.

Senti-me provocado a provocar pela arte, e ela não traiu minhas expectativas, mostrando apenas sua aparência; foi bem além, trouxe para o debate um universo de saberes bem maior que eu poderia imaginar, pois movimentou imaginários instituídos pelo questionamento das vontades, dos obstáculos, das naturalizações, dos fechamentos, dos olhares⁵ e das experiências singulares e mais outros tantos.

Enfim, a experiência estética transgrediu o reciclar os resíduos da ordem desfeita e provocou, através de copos plásticos pisoteados, outros olhares sobre o que não era olhado.

EFEMÉRIDE DA ARTE EM UMA MANCHA DE TINTA AZUL

Em um tempo vago, onde o nada era tudo...



Figura 59: O mito da mancha de tinta azul.

Não foi possível precisar a hora, também não procurei relógios, quando um borrão de tinta azul manchou o meu caderno. Somente tive a paciência de esperar a mágica acontecer para que a figura de um mito se denunciasse como a metáfora do inevitável.

Seria esse um momento de arte? Creio que sim, pois traz o sentimento de ser tomado pela imaginação e por uma vontade de experimentar a criação. Penso que nesses sentimentos está o impulso à invenção imaginária de um mundo particular e, também, de si mesmo. Neste sentido, entendo a necessidade da arte, porque é difícil pensar outras formas de inventar os símbolos que não estão prontos para as complexidades e multiplicidades das ideias e dos sentimentos imaginados.

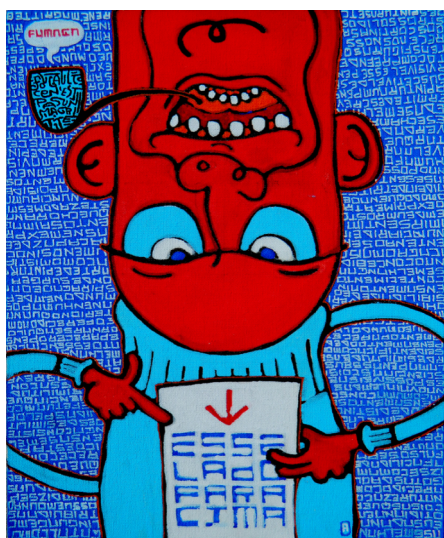
1. O que é arte? Por que o homem cria? Poucas perguntas são capazes de provocar um debate tão caloroso e resultar em tão poucas respostas satisfatórias. Mas se não conseguimos chegar a uma conclusão definitiva, há, no entanto, muitas coisas que podemos dizer. Certamente, uma das razões pelas quais o homem cria é um impulso irresistível de reestruturar a si próprio e ao seu meio ambiente de uma forma *ideal*. A arte representa a compreensão mais profunda e as mais altas aspirações de seu criador; ao mesmo tempo, o artista muitas vezes tem a importante função de articulador de crenças comuns (JANSON, 1996, p.6).

2. As instituições e as significações imaginárias sociais devem ser *coerentes*. A coerência deve ser considerada como um ponto de vista imanente, isto é, em relação às principais características e “impulsos” da sociedade considerada, tendo em vista o comportamento conforme dos indivíduos socializados etc. (CASTORIADIS, 1999, p. 284).

3. A metáfora expõe o quanto a criação traz a radicalização da autonomia e a abertura que torna possível pensar as relações quase esquecidas entre ética e estética (HERMANN, 2005, p. 10).

4. [...] a metáfora tem um sentido ficcional, que não indica meramente o percurso de um conceito ainda não encontrado. Ela tem uma exatidão contextual singular, que não pensa o claro e o distintivo do conceito científico. A metáfora vive em nossa existência sensível e apreende o excesso simbólico das situações (HERMANN, 2005, p. 9).

Nota do autor 37: Assim como a arte, a formação também pode ser um impulso irresistível e espontâneo à invenção imaginária de si e de seu mundo. Porque a formação também requer a arte de inventar o que não está pronto.



E como, misteriosamente, uma mancha que sucumbiu a uma metáfora, a arte dialoga, desconfiada do senso estético absoluto, pois se afirma como imprecisa, mutante e emotiva.

Também seria oportuno observar que H. W. Janson procurava entre artistas a resposta para o que significava a arte¹ e não encontrou um conceito geral e nem um consenso, percebeu apenas explicações pessoais sobre a estética da arte que cada um fazia.

Difícilmente será possível determinar o que de fato é a arte, pois envolve sentimentos indefinidos, compreensões subjetivas, olhares passionais e processos pessoais, e porque poderia ser apenas limitada pela ética, mas esta também é incerta, pois está vinculada à sociedade, à história, à cultura e aos valores do indivíduo. Percebo a ética como ponderação e responsabilidade sobre os atos e consequências, para si e para os outros, mas, ainda, assim como saber estético, sensível sobre o ato inspirado pela coerência².

E, se o momento permitisse entender o sentido metafórico³ do fazer estético, perceberia os movimentos de criação imaginária que a compreensão do mundo deve à dimensão simbólica⁴, e que seria possível expressar a vida ou o tempo vivido como obra de arte.

Por fim, voltaria a contemplar o ser com corpo de homem e cabeça de bode, pensaria em que relações estéticas essa figura insólita teria, como o que propõe Foucault, ao pensar a vida.

Figura 60: Sentimentos incertos.

EFEMÉRIDE DAS METÁFORAS NO MEU CAMINHO

Em um domingo de setembro de 2013...

No domingo, a TV estava ligada em um daqueles canais bem populares, ainda era cedo para um café, tarde para uma sesta, e o sol convidava para um passeio.

Saí sem rumo pelas ruas aproveitando o ócio e o calor.

Talvez por não ter compromisso e nem pressa, estivesse mais atento ao cenário e às personagens que encontrava pelo caminho, observando detalhes arquitetônicos, texturas, estruturas desgastadas pelo tempo, as árvores e as pessoas transeuntes. Ficava imaginando o que poderiam me dizer, fazia imagens mentais e criava fragmentos de histórias.

Logo adiante, no alto de um sobrado desfigurado pelo progresso, encontrei Hermes e, pelo tempo em que ele se encontrava naquele lugar, deveria ter uma visão privilegiada para testemunhar as transformações da vida da cidade.

O Hermes daquele edifício não era estranho, já o havia notado antes, mas desta vez parecia que ele tinha algo a dizer.

Então fixei a figura de alvenaria até perceber que o seu olhar longínquo parecia expressar o distanciamento necessário para observar o tempo e o espaço, que as asas, que se projetavam pelos lados de sua cabeça, insinuavam que a imaginação e a interpretação seriam acontecimentos em movimento, e que as palavras silenciosas que poderiam sair da sua boca semicerrada somente seriam compreendidas com muita paciência e perseverança.

Seguindo caminho, pensava nas palavras que as figuras podem conter, nas simbolizações que produzem, que devia estar sensível para percebê-las e, para que isto acontecesse, era preciso olhar o que vinha olhando de outras maneiras e com estranhamento.

Andei alguns quarteirões absorvido por reflexões, quando, de repente, percebi René Magritte¹ em uma paródia a seu estilo.

Talvez, nesse passeio, estivesse motivado a perceber



Figura 61: A contemplação de Hermes sobre o mundo real.

1. Dos homens de chapéu de feltro, que flutuam no céu, com uma pintura de um cachimbo acima do subtítulo "isto não é um cachimbo", René Magritte (1898-1967) criou uma câmara de eco do objeto e da imagem, nome e coisa, realidade e representação.

Como outros trabalhos surrealistas, pinturas de Magritte combinam uma técnica precisa, mimética com configurações anormais alienantes que desafiam as leis de escala, lógica e ciência: um pente do tamanho de um guarda-roupa, rochas que flutuam no céu, nuvens que flutuam através de uma porta aberta. O resultado é um domínio direto ainda desorientado, muitas vezes espirituoso, muitas vezes, inquietante, e sempre levando-nos a olhar para além do visível, com "o que está escondido pelo que vemos" (PAQUET, 2015, s/p).



Figura 62: Lombada Magritte.

metáforas; talvez tivesse encontrado o que já estava procurando sem saber o que era. Mas o fato foi que enxerguei Magritte em sua própria arte, como uma de suas artimanhas surrealistas onde o que é pode vir a ser o que não é.

Estava sensível a perceber em uma placa de trânsito, que sinalizava uma lombada, uma forma semelhante a do chapéu de René Magritte. Foi uma percepção instantânea construída através de similaridades com as imagens do pintor, que sobrepujam tanto o que eu estava olhando, que não era mais possível ver o que eu estava vendo como apenas uma placa de trânsito. Pensava que o olhar, através da estética, possibilitaria a percepção do movimento de ambiguidades entre figuras e suas simbolizações, que resultariam na produção das metáforas. E, assim, me despedi de Magritte e segui caminho levando seu chapéu, como um presente a ser guardado na estante das inspirações.

Continuei caminhando com a mente ocupada com tantas imaginações, mas meu olhar estava atento a tudo, pois tinha grande expectativa e curiosidade com o que poderia encontrar pelo caminho, como um garimpeiro que procura uma jóia, ou como um estrangeiro que aprecia o exótico pela primeira vez.

O ritmo da caminhada se tornou mais intenso e avancei até o final de uma rua; já não esperava encontrar mais nada, mas, para minha surpresa, percebi uma grande metáfora, que se apresentou com tamanha naturalidade, se mostrando antes mesmo da imagem que a gerou, dispensando qualquer esforço, requerendo apenas sensibilidade para percebê-la. Lá estava eu, frente a um caminho que se desmaterializava para seguir na imaginação.



Figura 63: Caminho da imaginação.

Passei algum tempo absorvido por aquele panorama e recordei que as experiências que eu acabara de viver são maneiras de perceber metáforas, e que elas são importantes na criação da arte e na estetização dos sujeitos e, conseqüentemente, na produção de saberes de qualquer natureza, permitindo a expressão mais ampla dos sentidos humanos e de seus imaginários.

E me questiono, de uma maneira um tanto sucinta, se Hermes havia sussurrado que devo estar sempre pronto a perceber e extrair diferentes simbolizações das coisas e olhá-las de lugares diferentes. Se Magritte, através da ambigüidade, queria mostrar-me que o olhar estético pode, metaforicamente, transformar o que é no que pode vir a ser para produzir uma proliferação de novos sentidos. E se, em alguns casos, as metáforas poderiam estar tão presentes, tomando o lugar do autêntico. Também fico pensando se haveriam momentos em que palavras não seriam suficientes para dizer tudo e, finalmente, se os imaginários poderiam ser expressos sem dizer.



Figura 64: Olhares de Hermes.

Nota do autor 38: A formação é constituída de representações do vivido e estas representações são expressas através das metáforas das criações imaginárias. Metáforas são importantes na criação da arte e na estetização dos sujeitos e, conseqüentemente, na produção de saberes de qualquer natureza, pois possibilitam a expressão mais ampla dos sentidos humanos e de seus imaginários.

EFEMÉRIDE DA AUSÊNCIA

Em uma neblina em maio de 2013...

Nota do autor 39: Projetos de pesquisa do GEPEIS sobre cinema na formação de professores: Enredos da vida, telas da docência: os professores e o cinema (2012 – 2013), Em tempos de formação - o cinema, a vida e o cuidado de si. Exercícios autobiográficos e coletivos na atividade docente (2012 – 2013) e Cartografando experiências formativas com cinema: até onde a sétima arte pode chegar? (2014 – atualidade).

(<http://coral.ufsm.br/gepeis/index.php/projetos/projetos-de-pesquisa>).

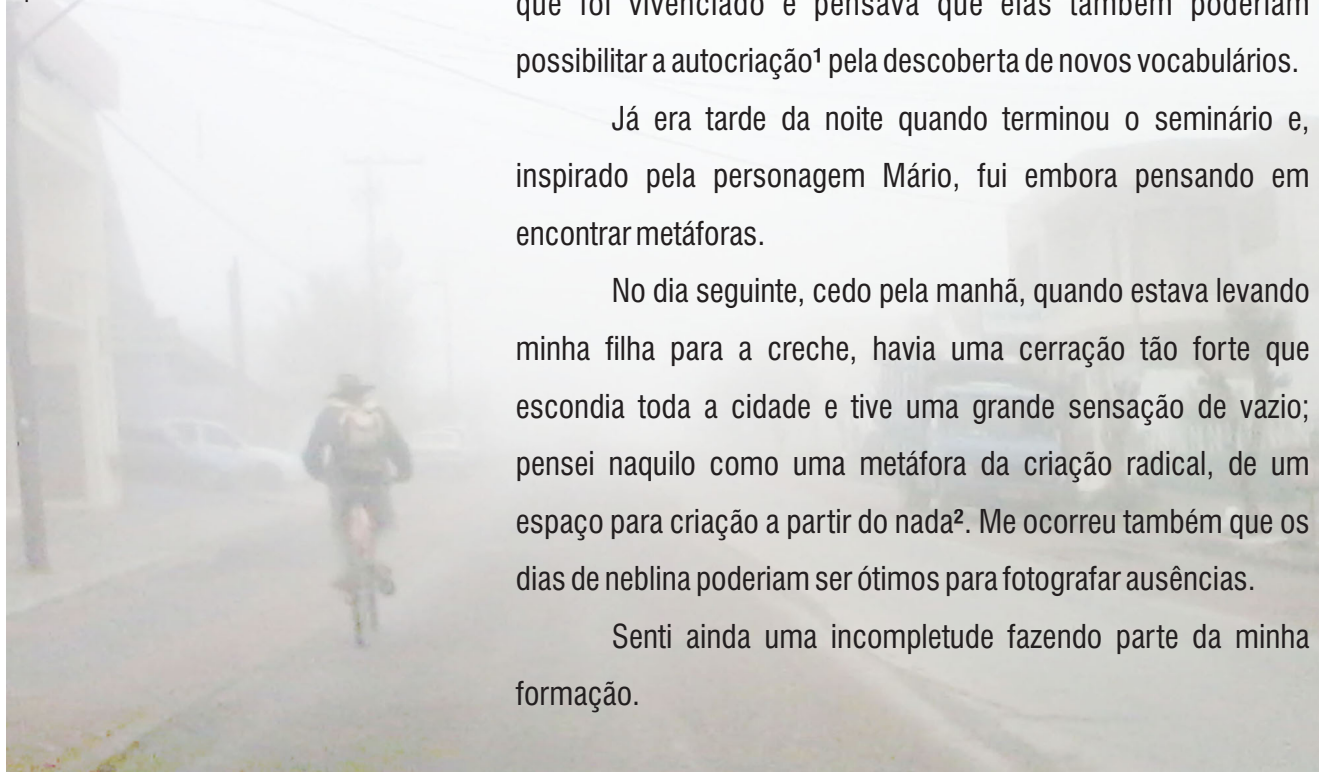
1. Em favor de uma criação do eu a partir de metáforas, o que deve ser abandonado é o jogo herdado de descrição literal de identidade do eu (HERMANN, 2005, p. 67).

2. Idem, ibidem, nº 1., p. 27.

Nota do autor 40: Mesmo do nada pode haver criação, e a formação e a educação precisam deste tipo de criação, criação radical. Vejo no vazio um estímulo à imaginação.

Figura 65: A cerração.

Nota do autor 41: Esta imagem seria a expressão do paradoxo, pois muitas coisas imaginadas poderiam ser “vistas” além do panorama encoberto.



Entre as ações do GEPEIS estão os projetos de pesquisa e extensão sobre o cinema na formação de professores, nos quais a pretensão é identificar e refletir sobre as relações e vivências de professores com o cinema e buscar compreender seus saberes e fazeres por este tipo de arte.

Em um seminário do grupo, como uma ação desses projetos, que tinha o objetivo de produzir uma experiência estética formativa, foi exibido o filme “O carteiro e o Poeta”. Deste exercício de formação, entre outros saberes que foram tocados, fiquei instigado com a ideia que a personagem de Pablo Neruda propõe a seu protagonista, Mário, o carteiro, ou seja, o Neruda do filme diz a Mário que, para escrever poesia, era preciso que ele encontrasse metáforas.

Pensava nas metáforas como recurso de expressão de imaginários e de estéticas e como estavam envolvidas com a percepção dos saberes que me atravessaram durante o processo de formação. Pelo intermédio das metáforas, imaginava e construía representações inventivas dos saberes herdados sobre o que foi vivenciado e pensava que elas também poderiam possibilitar a autocriação¹ pela descoberta de novos vocabulários.

Já era tarde da noite quando terminou o seminário e, inspirado pela personagem Mário, fui embora pensando em encontrar metáforas.

No dia seguinte, cedo pela manhã, quando estava levando minha filha para a creche, havia uma cerração tão forte que escondia toda a cidade e tive uma grande sensação de vazio; pensei naquilo como uma metáfora da criação radical, de um espaço para criação a partir do nada². Me ocorreu também que os dias de neblina poderiam ser ótimos para fotografar ausências.

Senti ainda uma incompletude fazendo parte da minha formação.